

ELISEU

O HOMEM QUE RESTAUROU À VIDA

Estamos dando continuidade ao estudo sobre Eliseu e a sunamita. Na lição anterior, vimos Eliseu como um *doador* de vida—quando ele foi um instrumento divino ao conceder um filho aos seus benfeitores. Nesta lição, veremos o profeta como um *restaurador* da vida. Mais tarde, este incidente seria citado utilizando-se esse tipo de terminologia vez após vez:

...Falou Eliseu àquela mulher cujo filho ele restaurara à vida... (2 Reis 8:1; grifo meu).

Contava ele [Geazi] ao rei como Eliseu restaurara à vida a um morto, quando a mulher cujo filho ele havia restaurado à vida clamou ao rei pela sua casa e pelas suas terras; então, disse Geazi: Ó rei, meu senhor, esta é a mulher, e este, o seu filho, a quem Eliseu restaurou à vida (2 Reis 8:5; grifo meu).

Evidentemente, entendemos que foi Deus quem realizou a restauração, mas Ele fez isso por intermédio do Seu fiel servo Eliseu. Antes de terminarmos a lição, iremos enfatizar que o mesmo Deus que ajudou a sunamita pode nos ajudar quando ocorrem tragédias em nossas vidas.

ALEGRIA E SOFRIMENTO (4:18–20)

Alegria

No fim da lição passada, a mulher havia acabado de ganhar seu recém-nascido. Não é difícil imaginar como foram os dias subseqüentes, à medida que a mãe se encantava com cada nova experiência, como as primeiras palavras e os primeiros passos da criança.

No início desta lição, já haviam se passado anos. Segundo Reis 4:18 diz: “Tendo crescido o menino, saiu, certo dia, a ter com seu pai, que estava com os segadores”. Este versículo pode nos dar a impressão de que o menino era um adolescente ou estava perto dos vinte anos de idade; todavia, descobrimos, posteriormente, que ele ainda era pequeno o bastante para sentar-se no colo da mãe e ser carregado por ela até o andar de cima da casa (vv. 20, 21). O autor do livro chama-o de “menino” (vv. 26, 29, 31, 32, 34, 35). Talvez ele tivesse por volta de seis anos—idade suficiente para correr pelo campo ao encontro do pai.

Três observações se fazem necessárias. Em primeiro lugar, o texto não diz que a mãe deu permissão ao filho para ir ao campo. Quando o presente escritor tinha três anos, ele juntou seus livros, saiu da casa de seus pais e andou até a escolinha onde seu pai dava aulas. (Aquele era o primeiro emprego do pai dele como professor e este ficou muito constrangido com a situação.) O garotinho da nossa história talvez soubesse onde o pai estava e saiu pela porta sem o conhecimento da mãe. Em segundo lugar, mesmo que o menino tivesse ido com a permissão da mãe, um servo poderia tê-lo acompanhado. Talvez o mesmo servo que o trouxe de volta (vv. 19, 20) tenha o levado até lá. Em terceiro lugar, a regra geral é que as crianças criadas na zona rural envolvem-se no trabalho realizado na fazenda logo cedo. O pai talvez quisesse que o filho visse em primeira mão tudo o que dizia respeito à colheita de uma safra.

Independentemente dos detalhes, o menino foi ter com o pai, o qual estava no campo com os segadores (v. 18). Sendo época de colheita, uma das épocas mais agitadas do ano, todo aquele corre-corre

(2 REIS 4:18–37; 8:1, 5)

devia ser empolgante para um garotinho. Visualizemos o pequeno correndo para cá e para lá entre os feixes de trigo. Sem dúvida, o pai, a todo instante, olhava com ternura para o filho da sua velhice.

Sofrimento

De repente, sobreveio um desastre. O menino deve ter agarrado a cabeça enquanto gritava: “Ai! A minha cabeça!” (v. 19a). Não sabemos ao certo qual era a enfermidade do menino. Praticamente, podemos descartar a hipótese de um ferimento na cabeça—talvez causado pela ferramenta de um segador—pois o pai certamente teria notado um machucado visível. A maioria dos comentaristas antigos supõe que o menino tenha sofrido uma insolação, o que seria possível naquela região ensolarada (veja Salmos 121:6; Isaías 49:10). Donald Wiseman, porém, acredita que uma insolação “seria algo raro entre crianças mesmo na planície de Esdralom em época de colheita”¹. Existem outras explicações médicas possíveis, como aneurisma ou tumor cerebral². Qualquer que tenha sido a moléstia, o pai pressupôs que não era nada que o afetuoso cuidado materno não fosse capaz de curar. Ele precisava permanecer no campo para supervisionar os empregados, por isso disse a um servo: “Leva-o a sua mãe” (2 Reis 4:19b).

Que choque a mulher deve ter tido ao ver o filho sendo carregado para dentro de casa (veja v. 20a). Na manhã daquele mesmo dia, ela vira o menino brincando; vira seu sorriso e ouvira suas gargalhadas. Agora ele estava prostrado, gemendo nos braços de um servo. O medo certamente invadiu-lhe o coração enquanto ela pegava o menino nos braços e o segurava no colo (veja v. 20b). Lágrimas devem ter corrido pelo rosto daquela mãe, enquanto o filho murmurava: “Minha cabeça está doendo, mamãe. Por favor, *faz ela* parar!” Visualize a mulher acalentando o garoto para frente e para trás, sussurrando aqueles ruídos de consolo típicos das mães. Podemos vê-la fazendo compressas frias na testa do garoto e cobrindo o rosto dele de beijos. Podemos imaginar os pensamentos dela: “Ele não pode morrer. Não pode! Deus me deu este filho; com certeza, Ele

não vai tirá-lo de mim!”³ Que orações fervorosas ela deve ter enviado ao céu: “Deus, não deixe o meu menino morrer! Não deixe o meu menino morrer!”

Apesar do seu amor, apesar dos seus maiores esforços para reanimar o filho, apesar de suas súplicas sinceras, o menino foi ficando cada vez mais fraco. Os gemidos de dor foram diminuindo, diminuindo, até que, finalmente, cessaram. O texto diz simplesmente: “Ele o tomou e o levou a sua mãe, sobre cujos joelhos ficou sentado até ao meio-dia, e morreu” (v. 20b, c). Quem não acredita nos milagres bíblicos diz que o menino só ficou inconsciente, mas “o historiador [inspirado] não poderia ter se expressado com mais clareza”⁴: Ele “morreu” (veja também v. 32).

Uma criança—inocente—pode morrer? Vemos isto acontecer todos os dias. Por que elas morrem? Porque vivemos num mundo corrompido pelo pecado. Muito tempo atrás, Adão e Eva foram instruídos que se comessem do fruto proibido “certamente morreriam” (Gênesis 2:17). Após desobedecerem a essa ordem, “a morte passou a todos os homens” (Romanos 5:12); isso tornou-se uma condição universal. “E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez” (Hebreus 9:27). Alguns morrem em idade avançada, outros na meia idade e, sim, alguns morrem na infância. Tragédias como essas intensificam nosso anseio pelo lar celestial onde “a morte já não existirá” (Apocalipse 21:4), onde nos reuniremos outra vez com os pequeninos que nos foram tirados dos braços (veja 2 Samuel 12:23).

UM PLANO E UM APELO?

(4:21–31)

Um Plano?

Como a mulher sunamita reagiu quando constatou que seu filho estava morto? Poderíamos esperar que ela se desmanchasse em lágrimas, que chamasse os amigos para prantear com ela, ou que instrísse seus servos a ajudar a preparar o corpo para o sepultamento. Mas ela fez uma outra coisa: “Subiu ela e o deitou sobre a cama do homem de Deus; fechou a porta e saiu” (2 Reis 4:21). Não sabemos exatamente por que ela fez isso; nem sabemos precisamente o que se passava pela cabeça dela na-

¹Donald J. Wiseman, *1 and 2 Kings: An Introduction and Commentary* (“1 e 2 Reis: Introdução e Comentário”). Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993, p. 204.

²Charles B. Clayton, ed., “headache” (“dor de cabeça”). *The American Medical Association Home Medical Encyclopedia*. Nova York: Random House, 1989, 1:507. Aneurisma é o inchaço de um vaso sanguíneo; neste caso, seria um vaso no cérebro.

³Adaptado de J. T. Headley, *Sacred Heroes and Martyrs* (“Heróis e Mártires Sagrados”), rev. e ed. J. W. Kirton. Londres: Ward, Lock & Tyler, s.d., p. 194.

⁴G. Rawlinson, “2 Kings”, *The Pulpit Commentary*, vol. 5, *1 & 2 Kings* (“Comentário de Púlpito, vol. 5, 1 e 2 Reis”), ed. H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 66.

quele momento. As observações abaixo podem ou não esclarecer a situação:

1) O quarto do profeta provavelmente era um dos cômodos isolados da casa. A mulher estava prestes a se ausentar por horas. Ela poderia colocar o corpo do filho no quarto de Eliseu com uma considerável certeza de que ninguém o perturbaria enquanto ela estivesse fora. Em geral, os judeus sepultavam seus mortos no dia do óbito. Talvez a mãe quisesse assegurar que não iniciariam os procedimentos para o sepultamento do corpo.

2) Já sugerimos que o quarto do profeta poderia ser *um* dos cômodos isolados da casa—podendo haver outros, como o próprio quarto da mulher. O fato dela colocar o filho no quarto do *profeta* e depois ir atrás do *profeta* sugere, de certa forma, que ela esperava que Eliseu interviesse.

Guardemos essas considerações enquanto analisamos o restante da história. Após a mulher colocar o corpo do filho no quarto do profeta, “chamou a seu marido” (v. 22a). Talvez ela tenha ido ao campo onde ele estava. E disse a ele: “Manda-me um dos moços e uma das jumentas, para que eu corra ao homem de Deus e volte” (v. 22b). “O homem de Deus” (v. 9) é como ela se referiu a Eliseu.

O texto não diz por que ela quis ir até Eliseu. Assim que chegou ao lugar onde o profeta estava, ela demonstrou sua infelicidade (v. 28), mas com certeza ela não abandonou o corpo do filho e fez aquela longa viagem só para lamentar. O fato de fazer aquela viagem o mais depressa possível (v. 24) e insistir em que Eliseu voltasse com ela (v. 30) indica que ela queria que o profeta comparecesse no quarto em que jazia o corpo do filho o mais rápido possível.

Na lição anterior, sugerimos que, durante muitas refeições na casa da mulher, Eliseu deve ter contado histórias sobre seu mentor, Elias. Nesse caso, ele certamente teria partilhado um dos incidentes mais surpreendentes: Elias ressuscitando o filho da viúva de Sarepta (1 Reis 17:17–24). De acordo com o registro bíblico, ninguém havia ressuscitado um morto antes desse episódio nem depois dele e até aquele momento. Caso a sunamita tivesse ouvido a história, talvez ela estivesse esperançosa de que Eliseu poderia repetir o milagre, assim como repetira outros milagres do ministério de Elias (compare 2 Reis 2:14 com 2 Reis 2:8 e 2 Reis 4:1–7 com 1 Reis 17:8–16). O comentarista Wiseman afirmou convictamente que “a mulher havia perdido o filho, mas não a fé”⁵.

⁵Wiseman, p. 204.

Qualquer que tenha sido a motivação por trás da iniciativa da mulher, ela pediu ao marido um servo e uma jumenta para ir correndo até Eliseu e voltar (v. 22b). O homem não demonstrou surpresa pelo fato da esposa querer ver o profeta. Ele só ficou surpreso com o dia, por isso perguntou: “Por que vais a ele hoje? Não é dia de Festa da Lua Nova nem sábado” (v. 23a). O sábado e a lua nova eram dias de atividade religiosa para os judeus (veja Êxodo 20:8–11; Números 29:6; Neemias 10:33; Salmos 81:3). Sugerem alguns comentaristas que os fiéis daquela região idólatra se reuniam com Eliseu nessas ocasiões. Todavia, não era uma dessas datas especiais, por isso o marido estranhou o desejo da esposa de ir ver o profeta.

A mulher não respondeu a pergunta. Disse apenas: “Não faz mal” (2 Reis 4:23b). Alguns dizem que essas palavras comprovam que a mulher não tinha dúvida de que o filho seria ressuscitado, mas as primeiras palavras que ela diria a Eliseu não refletem esse tipo de confiança (v. 28). Outros acreditam que essas palavras indicam que ela sabia que estava tudo bem com seu filho porque ele estava com Deus. É verdade que quando uma criancinha morre, sua alma vai para o Senhor (veja 2 Samuel 12:23)—e isto é um grande consolo para qualquer pai ou mãe em luto. Mas, novamente, as palavras subseqüentes da sunamita a Eliseu (2 Reis 4:28) não deixam a impressão de que era isso que ocupava a mente dela.

Na língua hebraica, a mulher respondeu ao marido com uma única palavra: *Shalom*⁶. *Shalom*, que significa basicamente “paz”⁷, era uma expressão às vezes usada “quando se queria evitar dar uma resposta definida a alguém, sem, ao mesmo tempo, deixar de satisfazer [o interlocutor]”⁸. Na língua portuguesa, diríamos: “Tudo bem!”; “Não se preocupe”. Em todas as línguas há expressões equivalentes a essa.

Alguns questionam por que o marido não fez mais perguntas. Talvez ele estivesse distraído com a urgência da colheita. Outros questionam por que ele não perguntou do filho. Muito provavelmente ele presumiu que a esposa não se ausentaria, caso o

⁶C. F. Keil e F. Delitzsch, “1 and 2 Kings”, *Commentary on the Old Testament, vol. 3, 1 and 2 Kings, 1 and 2 Chronicles, Ezra, Nehemiah, Esther* (“Comentário do Antigo Testamento, vol. 3, 2 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester”). Peabody, Mass.: Hendriksen Publishers, 1989, p. 311.

⁷C. H. Irwin, *Irwin’s Bible Commentary* (“Comentário Bíblico Irwin”). Filadélfia: John C. Winston Co., 1928, p. 116.

⁸Keil e Delitzsch, p. 311.

menino ainda estivesse mal⁹. Aparentemente satisfeito com as palavras dela, concordou em atender ao pedido. O servo e a jumenta certamente eram necessários na colheita, mas ele poderia se virar sem eles por meio-dia.

Assim que montou a jumenta, a mulher disse ao servo: “Guia e anda, não te detenhas no caminhar, senão quando eu to disser” (v. 24). “Guia” significa “guia a jumenta; empurre-a ou incite-a e faça-a ir o mais rápido possível”. O destino era o monte Carmelo (v. 25a). Ela teria uma jornada de vinte e cinco a trinta quilômetros para percorrer e estava ansiosa para chegar até o profeta o quanto antes. Não sabemos como ela sabia que Eliseu estava no monte. Talvez o profeta tivesse parado na casa dela, quando estava a caminho desse conhecido refúgio.

Após viajar horas, ela chegou ao monte Carmelo (v. 25a). Eliseu avistou-a de longe (v. 25b). O profeta pôde pressentir que havia algo errado; talvez devido à pressa com que o **cavalo** estava sendo guiado; o ritmo era inadequado para uma mulher daquela idade. Quando **36-1 Should be: jumenta** parece estar com problema, o meu pensamento é que alguma coisa trágica tenha acontecido com algum parente. Foi isso que Eliseu pressentiu. Ele disse ao seu servo, Geazi: “Eis aí a sunamita; corre ao seu encontro e dize-lhe: Vai tudo bem contigo, com teu marido, com o menino?” (vv. 25c, 26).

Geazi correu ao encontro da mulher, mas quando lhe fez as perguntas solicitadas por Eliseu, ela respondeu simplesmente: “Tudo bem” (v. 26b). Mais uma vez, no texto original, ela disse: “*Shalom*”¹⁰, e mais uma vez a resposta foi intencionalmente vaga. Em muitas culturas, quando perguntamos a uma pessoa como ela está, a resposta automática é: “Tudo bem” e pode significar qualquer coisa desde “eu estou bem” até “não estou realmente muito bem, mas não quero falar disso”. A segunda opção expressa melhor os sentimentos da mulher, naquele momento. Ela não queria contar seus problemas a nenhuma outra pessoa senão ao profeta.

Um Apelo?

Assim que atingiu o pé da montanha, a sunamita subiu-a até chegar a Eliseu. Afundada em tristeza, ela desmoronou diante dele e “abraçou-lhe os pés” (v. 27a). Cair aos pés significava humildade e dependência (veja Lucas 5:8; Marcos 5:22; 7:25). Agarrar os

pés adicionava a intimidade do toque ao gesto (veja Mateus 28:9).

Geazi ficou assustado com a falta de decoro da mulher. Ele “se chegou para arrancá-la” (v. 27b; compare com Mateus 19:13). Eliseu o deteve dizendo: “Deixa-a, porque a sua alma está em amargura, e o Senhor me encobriu e não me manifestou” (2 Reis 4:27b). Era óbvio que algo trágico acontecera à mulher, mas Eliseu não sabia o que era. Mesmo aqueles que falam por inspiração divina não são guiados por Deus de modo sobrenatural vinte e quatro horas por dia.

Quando finalmente a mulher falou, ela desabafou sua tristeza. Derramou ali toda a sua angústia: “Pedi eu a meu senhor algum filho? Não disse eu: Não me enganes?” (v. 28; veja v. 16). O precioso filho não havia sido pedido nem esperado; agora ele havia partido! Ela “estava aflita com a dúvida de por que o Senhor tiraria dela o menino lhe que fora dado como uma demonstração de graça e fidedignidade da Sua Palavra”¹¹. Ela estava dizendo, efetivamente: “Não entendo! Por que isto está acontecendo comigo?” Eliseu poderia ter se ofendido com as palavras da mulher, mas ele não se ofendeu. Pessoas afundadas em tristeza geralmente são extremistas e ilógicas nos momentos de desabafo (veja 1 Reis 17:18), e Eliseu parecia entender isso.

Era óbvio, pelas palavras da mulher, que algo terrível acontecera ao seu filho, mas não estava claro qual era o problema. Entendeu ele que o menino estava morto, ou teria pensado que ele estava gravemente enfermo ou ferido? A mulher acrescentou mais detalhes que não foram registrados¹²? O Senhor deu algum discernimento extra ao profeta? Não podemos responder essas perguntas convictamente.

Independentemente do que acontecera ao menino, era preciso fazer *alguma coisa*—imediatamente. Eliseu disse a Geazi: “Cinge os lombos... e vai” (2 Reis 4:29a). “Cinge os lombos” significa: “Enfie a orla do teu manto dentro do seu cinto [veja NVI], para liberar suas pernas para correr” (compare com 1 Reis 18:46). Eliseu continuou: “Se encontrares alguém, não o saúdes, e, se alguém te saudar, não lhe respondas” (2 Reis 4:29b; compare com Lucas 10:4). As cerimônias de saudação geralmente consumiam tempo. O profeta estava mandando o servo dirigir-

¹¹J. Robert Vannoy, notas sobre 2 Reis, *Bíblia de Estudo NVI*, ed. Kenneth Barker. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 588.

¹²O fato de Geazi saber para onde ir na casa a fim de pôr o bordão de Eliseu sobre o rosto do menino (v. 31) pode indicar que a mulher forneceu mais detalhes.

⁹Por que a mulher não contou ao marido que o filho havia falecido?

¹⁰Keil e Delitzsch, pp. 311–12.

se à casa da mulher o mais depressa possível, e não deixando que *nada* o atrasasse.

Eliseu deu a Geazi o seu bordão (v. 29a) e mandou que, ao chegar à casa da mulher, Geazi colocasse o bordão “sobre o rosto do menino” (v. 29c). O símbolo de autoridade de Elias tinha sido seu manto; tudo indica que o de Eliseu era seu bordão, ou cajado de apoio para caminhadas (compare com Êxodo 4:1–4; 14:16; 17:5, 6, 8–13). Por que Eliseu deu essas instruções a Geazi? Alguns estão convencidos de que o propósito de Eliseu era ensinar uma lição ao servo e à mulher, mostrar que aquilo *não* funcionaria¹³. Se, todavia, supormos que o relato bíblico fornece tudo o que a mulher disse, e que o Senhor ainda estava “encobrendo” a natureza exata do problema a Eliseu (2 Reis 4:27), é mais provável que o profeta pensasse que a presença daquele bordão *poderia* ajudar o menino—qualquer que fosse o problema¹⁴. Se for esse o caso, ele mandou Geazi levar o bordão porque o servo era mais jovem e mais veloz.

A mãe entendeu as palavras de Eliseu como um indicador de que ele mesmo não iria à sua casa. Será que os olhos dela brilharam quando ela disse: “Tão certo como vive o Senhor e vive a tua alma, não te deixarei” (v. 30a; compare com 2 Reis 2:2, 4, 6)? Em outras palavras: “Não vou embora sem você!” O profeta certamente pretendia ir a Suném a qualquer hora, mas independentemente disso, naquele mesmo instante ele “se levantou e a seguiu” (v. 30b). Novamente, vemos a cena da mulher montada na jumenta acompanhada do seu servo, que incita o animal a seguir adiante—com o acréscimo de um detalhe: o profeta trotando atrás deles, tentando acompanhá-los.

Nesse ínterim, Geazi chegou à casa da mulher, subiu as escadas correndo, entrou no quarto do profeta e “pôs o bordão sobre o rosto do menino” (v. 31a). Ele deve ter ficado apreensivo diante da responsabilidade que lhe fora confiada. Como deve ter ficado decepcionado quando “não houve nele voz nem sinal de vida” (v. 31b), “não havia nele qualquer sinal de vida” (NTLH). Geazi voltou até encontrar-se com a mulher e Eliseu. A cena possivelmente é de Geazi balançando a cabeça ao dizer ao seu senhor: “O menino não despertou” (v. 31c). Talvez a mulher pensasse consigo mesma: “Eu deveria ter dito que a opção do bordão não funcionaria! É por isso que insisti na vinda do próprio Eliseu!”

¹³Keil e Delitzsch, pp. 312–13.

¹⁴Em certa ocasião, artigos de tecido que tocaram o apóstolo Paulo curaram doentes (veja Atos 19:11, 12).

TRIBULAÇÃO E TRIUNFO (4:32–37)

Tribulação

A mulher e os homens retomaram a jornada. Por fim, chegaram à casa. O menino morrera ao meio-dia (v. 20), depois disso a mãe fez a viagem de ida e volta ao monte Carmelo—de maneira que deveria ser fim do dia. Normalmente, após uma viagem dessa extensão, Eliseu ia descansar no seu quarto. Desta vez, não havia tempo para descanso. Quando o profeta chegou à porta do quarto, olhou e “eis que o menino estava morto sobre a cama” (v. 32). Aquele deve ter sido a primeira vez que o profeta ficou completamente ciente da gravidade do problema. Partiu-lhe o coração ver aquele precioso menino deitado sobre a cama como que num sono inocente.

Eliseu entrou no quarto e fechou a porta (v. 33a; compare com v. 4a), excluindo a mulher e Geazi (compare com 1 Reis 17:19, 23). Estando a sós com o menino, “orou ao Senhor” (2 Reis 4:33b). Certamente ele estivera em oração desde que a mulher foi vê-lo no monte Carmelo, mas, após ter visto a situação pessoalmente, suas orações tornaram-se mais fervorosas e objetivas.

Eliseu “subiu à cama, deitou-se sobre o menino e, pondo a sua boca sobre a boca dele, os seus olhos sobre os olhos dele e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu” (v. 34). Por que Eliseu realizou esse estranho ritual? Provavelmente porque foi dessa maneira que seu mentor havia ressuscitado um menino morto (veja 1 Reis 17:21, 22). Numa lição sobre Elias, fizemos o seguinte comentário a respeito da ressurreição do filho da viúva de Sarepta pelo profeta:

Convém lembrarmos que isso nunca ocorreu antes... Milhares de pessoas haviam morrido até os dias de Elias; e nenhuma delas voltou a viver... Elias estava tentando o impossível. Não havia um precedente, nenhum manual a seguir...

Desprovido de um manual sobre como ressuscitar mortos, o que Elias fez provavelmente adveio do princípio: “Faça o que puder”. Pareceu-lhe racional dividir o calor do seu corpo, então ele fez isto. Além disso, quando o menino reviveu, entende-se que o próprio Elias ficou impressionado com o resultado, tão impressionado que contou o episódio a Eliseu, e é por isso que Eliseu fez o mesmo numa ocasião posterior (2 Reis 4). Precisava ser feito dessa maneira? Provavelmente, não...¹⁵

¹⁵David Roper, “Quando o Teto Desaba”, em “Elias—Parte 1”, *A Verdade para Hoje*, p. 21.

À medida que continuarmos analisando o episódio, não devemos perder de vista o fato de que Eliseu estava *orando a Deus* (2 Reis 4:33). O fato de Eliseu esticar-se sobre o menino não tinha a ver com a ressurreição do menino mais do que bater nas águas de um rio com uma pele de carneiro tem a ver com dividi-lo ao meio (2:14) ou jogar sal em água ruim tem a ver com purificá-la (2:21). O poder não estava no ritual, mas no relacionamento de Eliseu com o Senhor. O poder vinha do seu Deus.

Triunfo

Depois de Eliseu deitar-se sobre o corpo da criança, “a carne do menino aqueceu” (4:34), mas ainda sem sinal de vida. O profeta levantou-se da cama e andou para lá e para cá (v. 35a), talvez perplexo quanto ao que faria em seguida. Suas orações, com certeza, se tornaram mais comoventes. Finalmente, ele decidiu repetir o procedimento de Elias mais uma vez. Esticou-se outra vez sobre aquele pequeno corpo (v. 35b). Desta vez seus esforços foram recompensados. O menino “espirrou sete vezes e abriu os olhos” (v. 35c).

Os escritores tentam achar algum significado especial para os sete espirros¹⁶. Alguns comentaristas antigos falam de substâncias tóxicas expelidas por espirros—mas nenhuma das possíveis moléstias fatais citadas envolve substâncias tóxicas. Se for preciso uma explicação médica, convém lembrarmos que o menino começou a sentir-se mal num campo de colheita empoeirado, e suas narinas e cavidades nasais provavelmente ainda estavam cheias de poeira e pólen¹⁷. Outros estudiosos procuram um significado simbólico no número sete, sagrado para os judeus. “Afinal de contas”, dizem eles, “as pessoas geralmente só espirram duas vezes”. Entretanto, nada no texto indica que devemos procurar significados ocultos. Espirrar sete vezes é o tipo de detalhe casual que seria observado por uma testemunha ocular. Eliseu evidentemente contou a Geazi o que se passou ali e o servo, por sua vez, contou a outras pessoas (veja 8:4, 5).

Existe uma explicação simples para o texto mencionar que o menino espirrou sete vezes: era prova de que ele estava respirando novamente! Ele não só

espirrou, como também abriu os olhos! A vida retornara ao seu corpo! Através do poder de Deus, Eliseu “restaurara à vida a um morto” (8:5)! A cena agora é da criança sorrindo ao olhar para cima e ver o amigo profeta—e Eliseu retribuindo o sorriso.

Geazi parece ter ficado em pé do lado de fora do quarto, caso fosse solicitado. Eliseu chamou-o e disse: “Chama a sunamita” (4:36a). Enquanto subia os degraus da escada, a mãe provavelmente não sabia o que esperar. Talvez ela esperasse que Eliseu conseguisse repetir o milagre de Elias, mas tinha medo de decepcionar-se outra vez. Que alegria ela deve ter sentido quando entrou pela porta e Eliseu mostrou-lhe o menino na cama—agora vivo—e disse: “Toma o teu filho” (v. 36b).

Nossa expectativa é que a mãe corresse para a beira da cama. Mas, em vez disso, ela primeiramente se lançou aos pés do profeta agradecendo (v. 37a). Então, e somente então, ela pegou o amado filho nos braços (v. 37b). Depois disso, o texto simplesmente diz que ela “saiu” (v. 37c), deixando a nosso cargo imaginar as lágrimas de alegria que ela deve ter derramado. O menino já era precioso para ela antes, agora, então, cada momento com ele era um presente especial do Senhor. À medida que o tempo passava, observando-o crescer cada vez mais forte e alto, aquela mãe certamente encheu o céu de inúmeros agradecimentos.

CONFUSÃO E CONSOLO

Confusão

Quando descrevemos a mulher perdendo o filho—e sua subsequente confusão e tristeza—alguns de vocês podem ter se identificado com ela. Talvez tribulações tenham sobrevindo à sua vida e você tenha tido dificuldade para entender por quê. Talvez você tenha perdido o emprego que tanto precisava para sustentar sua família. Talvez despesas médicas tenham consumido todas as suas economias. Talvez seu cônjuge tenha lhe abandonado, deixando filhos para você criar sozinho (ou sozinha). Talvez você até tenha perdido um filho muito amado—como a mulher sunamita. Qualquer que tenha sido a tragédia, pode ser que você se sinta como que gritando: “Eu não entendo! Por que isto aconteceu comigo?”

Consolo

Se alguma tragédia estiver dilacerando o seu coração, busque consolo em dois detalhes extraídos deste texto: 1) quando a mãe lamentou a Eliseu, o profeta não a reprimiu. Quando nos sentimos sobrecarregados com nossos problemas, Deus nos entende—e Ele ainda nos ama. 2) No fim, Deus apagou a

¹⁶“O texto grego [a tradução grega do Antigo Testamento] não tem a referência aos espirros, mas indica que Eliseu esticou-se sobre o menino sete vezes” (Clyde M. Miller, *First and Second Kings*, The Living Word Commentary series, vol. 7. Abilene, Tex.: A.C.U. Press, 1991, p. 328).

¹⁷Uma enfermeira, aluna minha, salientou que até hoje uma criança pode vir a óbito por causa de uma crise de asma provocada pela poeira do campo de colheita.

tristeza da mãe e tudo voltou a ficar bem. Não podemos lhe prometer que o Senhor eliminará o seu problema como fez em 2 Reis 4:18–37, mas podemos lhe prometer que Ele tem poder para lhe dar forças para você suportar as dificuldades e até triunfar sobre elas. Deus ainda é o Deus que faz “todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito” (Romanos 8:28).

Quem já viveu uma vida inteira de confiança aprendeu um princípio importante: *as coisas nem sempre são como aparentam*. Um tempo atrás, este autor ouviu uma história que ilustra bem esta verdade¹⁸. Por volta de 1900, certo homem foi contratado para ser músico de um famoso navio, em sua primeira viagem. Era uma grande honra e ele estava empolgado. Despachou primeiro seus instrumentos para o navio; mas, quando estava a caminho das docas, foi subitamente raptado para trabalhar como marinheiro a bordo de outro navio e foi parar no Oriente. Podemos imaginar todos os pensamentos negativos que passaram pela sua cabeça: “Por que está acontecendo isto comigo? Era a minha grande oportunidade! Esta foi a pior coisa que poderia ter me acontecido! Estou perdido! Por que isto aconteceu? Por quê?” Finalmente, o homem conseguiu fugir e foi para a China. Ali, ficou sabendo que o navio em que ele deveria ter embarcado—o Titanic—havia naufragado, resultando na perda de mil e quinhentas vidas¹⁹. Duvidamos que o homem tenha mandado um cartão de agradecimento aos seus raptadores, mas nem por isso sua atitude em relação à tragédia que lhe sucedera continuou sendo a mesma.

Há anos, tenho ouvido muitos cristãos falarem de desastres que aconteceram no passado—e a seguir acrescentarem que eles não teriam as bênçãos do presente se não tivessem passado por essas tragédias²⁰. Às vezes, eles até concluem que aquela foi a melhor coisa que aconteceu.

Na história da sunamita, por duas vezes, ela disse angustiada: “Tudo bem” (heb. “*Shalom*”; vv. 23, 26), embora no íntimo ela *não* se sentisse “bem” (v. 28). Será que mais tarde ela olhou para trás e

¹⁸Esta história foi relatada ao presente autor por Angi (Roper) Lovejoy, Edmond, Oklahoma, em 22 de julho de 2003. Angi leu-a num expositor colocado na sala de exibição do filme “Titanic” em Oklahoma City, Oklahoma, E.U.A.

¹⁹Titanic, o maior navio de passageiros construído na época, afundou em sua primeira viagem após colidir com icebergs (14–15 de abril de 1912).

²⁰Se quiser, acrescente um exemplo de sua própria experiência ou de outros.

pensou: “Tudo realmente *estava* bem, embora eu não entendesse naquela hora”? Se você é um filho de Deus fiel, você pode dizer confiantemente: “Está tudo bem”—a qualquer hora, sob qualquer circunstância.

Mantenha sua fé no Senhor e continue confiando nEle, e estas palavras poderão ser o lema da sua vida: “Está tudo bem”. Deus mandou o profeta Isaías dizer aos justos “que tudo daria certo para eles” (Isaías 3:10; NTLH). Seja fiel ao seu Senhor, e tenha a certeza de que “tudo estará bem com você em cada fase de tristeza, adversidade ou angústia que vier; tudo estará bem com você na hora da morte; tudo estará bem com você no dia do juízo e na eternidade que virá em seguida”²¹.

CONCLUSÃO

Ao encerrarmos, quero fazer a você a pergunta que Geazi fez à sunamita: “*Está* tudo bem com você?” Está tudo bem entre você e Deus? Está tudo bem com sua alma? “O mundo pode sorrir para você, amigos podem enchê-lo de elogios, seu próprio coração pode iludir você”²²; mas se a sua relação com Deus não estiver em ordem, nada na sua vida estará bem. Você precisa ir até Deus numa atitude de amor e obediência (Marcos 16:16; Hebreus 5:9) para que Ele o abrace como a um filho (Gálatas 3:26, 27)? É possível que você tenha sido um filho desobediente? Nesse caso, você precisa voltar para Ele (Atos 8:22; 1 João 1:9). Qualquer que seja a sua necessidade espiritual, atire-se hoje diante da Sua graça e misericórdia para que você, também, diga: “Está tudo bem!”



NOTAS PARA PROFESSORES E PREGADORES

Entre os títulos alternativos para esta lição, sugerimos: “Está tudo bem”, “Está tudo bem com você?” e “Lidando com tragédias”. O versículo 26 do texto bíblico poderia servir de base para um sermão textual de três pontos intitulado “Está tudo bem?”: 1) “Está tudo bem com você?”, 2) “Está tudo bem com seu cônjuge?”, 3) “Está tudo bem com seus filhos?”

²¹Henry Blunt, *Lectures on the History of Elisha* (“Palestras sobre a História de Eliseu”). Filadélfia: Herman Hooker, 1839, p. 81.

²²Ibid., p. 79.